



O CÃO QUE LARGA A PRESA PELA SOMBRA

FABULA DE LAFONTAINE

No mundo enganam-se tantos,
Correndo da sombra atraz,
Que de poder dizer quantos
Não ha quem seja capaz.

Falla Esopo d'um cão que atravessava
Um rio caudaloso,
E na bocca levava
Um tassalho de carne appetitoso.
Representada na agua vendo a presa,
Largou-a pela imagem
(O que é pouca espertesa!)
Embravece-se o rio; e d'esta viagem
O palerma do bruto
A custo salva a pelle;
Mas quando chega a pôr o pé no enxuto,
Nem o tassalho viu nem sombra d'elle.

J. I. D'ARAUJO.

O CARVÃO

(Continuação)

Prometti dizer o que é o carvão.

Já lhes disse de quanto nos servia; vou agora contar-lhes uma pequena historia pela qual ficarão sabendo como eu apprendi o que era o carvão de pedra e vi de onde o tiram e porque modo.

Fui um dia visitar o meu antigo professor, um bom velhinho muito estudioso e homem de grande saber, sempre agarrado aos seus livros e ás suas collecções, muito amigo de aprender e de ensinar.

Estava um dia bonito de primavera, d'aquelles em que nem o frio já nos entorpece os membros ou açouta as faces, nem ainda os calores do estio nos amolentam e entorpecem a nossa actividade.

Segui alegre pelas compridas ruas da cidade que vão terminar em Arroios, e fui bater-lhe á porta da pequenina casa onde mora.

Veiu abrir-me elle mesmo, risonho como sempre, com o seu ar bondoso e affavel, e convidou-me a entrar para o gabinete de estudo, onde se viam espalhados com profusão e por toda a parte livros, pedras, mil caixas diversas, muitosapparelhos diferentes, microscopios, pinças, lentes, etc.

Não extranhei nada d'isto. Conhecia de ha muito o velho professor e sabia perfeitamente que o seu gosto e maior prazer era viver alli, rodeado de todos aquelles objectos de estudo da natureza, mineraes, plantas e animaes diversos, que se entretinha a classificar e descrever com todo o cuidado.

N'aquelle momento o que lhe prendia a attenção eram uns poucos de pedaços d'aquelle mesmo carvão de pedra que nós vemos muitas vezes espalhados pelo chão, no Aterro, em frente da fabrica do gaz.

— Ainda bem que vieste hoje, disse-me elle, sentando-se devagarinho na grande cadeira estofada, e aconchegando-se n'ella com grande prazer; sabes que recebi estes meninos, dizia elle, mostrando-me os carvões, e tenho de ir vêr a mina de onde são tirados. Has de vir commigo, para vêres o que é uma mina de carvão de pedra. Ora, mas o quê! Aposto que nem mesmo tu sabes o que vem a ser o carvão de pedra. Estás dizendo lá comtigo: — ora não sei eu o que é o carvão de pedra; é aquella pedra preta que alli está, que arde com uma chamma azulada e serve para arder e queimar nas fornalhas das machinas. — Bem sei que sabes isso, mas não é bastante. Cá na nossa terra, infelizmente, succede isto: ha muito individuo que se suppõe muito instruido e sabedor de tudo, e que fica logo embaraçado com qualquer d'estas perguntas mais simples, e só sabem responder por esse modo. Um bacharel em direito conheci eu que ignorava completamente o que é o ar. Perguntei-lhe uma vez e elle, querendo encobrir a ignorancia com o gracejo, gaguejou, rindo: — Ora! que pergunta! o que é o ar? o ar é... é o ar, está visto, pois o que havia de ser? Ora o amigo sempre tem idéas! — Como este ha muitos doutores, como nós lhes chamamos com todo o respeito. Nada! isso não serve. Precisamos saber de tudo um bocadinho, e saber muitissimo bem a especialidade de trabalho a que nos dedicamos para ganharmos os meios de sustentar a vida. O que nunca tem desculpa é a ignorancia. Por isso, para que não continues a ignorar qual é a historia do carvão de pedra, vou-t'a contar em poucas palavras.

(Continúa)

VICTOR RIBEIRO.



DE LISBOA A PARIS

II

Ás 5 horas e meia da manhã estávamos em *Miranda do Ebro*.

Aqui começa a natureza a animar-se, a paizagem a ser mais bella, e a cultura mais esmerada. As povoações tem aspecto alegre, como sempre acontece onde reina a felicidade pelo trabalho abundantemente remunerado por um torrão mais fecundo e mais bem tratado.

Aqui e alli surgem povoados, dominados

por, egrejas formosas e elegantes campanarios.

As 6 e meia passámos por *Victoria* e saudámos a memoria dos valentes portuguezes que tanto honraram a patria na memoravel batalha que aqui se travou durante a guerra peninsular.

As 9 estávamos em *Tolosa* e ás 10 em *S. Sebastião*, grande e bonita cidade maritima, capital da famosa Biscaia, a terra dos *fueros*, isto é, das altivas regalias locaes de um povo, que tem

sabido guardar, com a tradição de independência, a sua antiquíssima lingua.

Não pôde, não deve o portuguez passar por estes sitios sem recordar paginas gloriosas da historia militar do seu paiz, escripta com as baionetas de nossos bravos soldados nas guerras do *Roussilhão* e peninsular.

Iamos emfim transpôr a raia de Hespanha e entrar em França, pois chegamos a *Hendaye* ás 11 horas da manhã.

Desde *S. Sebastião* tudo é um jardim, tudo são edificações do mais variado bom gosto. As estradas são orladas de frondoso arvoredor e as propriedades são divididas por paredes mui baixas e bem aparadas de murta e outros arbustos. Tudo é perfeitamente cultivado, por toda a parte a arte tira todo o partido possível da natureza.

Transposto *S. João da Luz*, eis a bella, rica e marítima *Bayonne*, cidade episcopal, capital de um arredondamento (Baixos Pyreneos), e levantada nas margens do *Adour* e do *Nive*. Aqui passámos para o comboio, que ia percorrer as povoações das faldas dos Pyreneos francezes.

Atravessámos d'ahi a pouco a alegre cidade de *Pau*, antiga capital do Bearn, patria de Henrique IV e de Bernardotte, capital do departamento dos Baixos Pyreneos, e que tem proximas as famosas *Eaux-bonnes*.

Não se pôde descrever a formosura d'este paiz, cada vez mais fértil e mais pittoresco. Ao lado de planicies, tapetadas de verdura viçosissima, correm abundantes levadas de agua crystallina, que de espaço em espaço se despenham com doce ruído em espumosas catadupas em que o sol, descendo para o horizonte, se reflecte do modo mais encantador, fazendo apparecer ora fragmentos do iris, ora cascatas scintillantes de perolas e brilhantes.

Perto da noite, e apoz 47 horas de quasi incessante jornada, chegámos a *Lourdes*.

Estavamos na terra da romaria mais celebre dos tempos modernos e de um dos santuarios mais formosos e mais famosos.

Alojados com difficuldade, por causa de excessiva affluencia de forasteiros, no excellente *hotel de France*, e tomada a indispensavel refeição, dirigimo-nos presurosos a ver passar a procissão dos peregrinos.

Espectaculo imponente e commovedor, para sempre impresso em minha memoria e de que nunca me recordarei sem grande satisfação do meu espirito, propenso para tudo que respira poesia e incita a fé! Era uma noite amenissima, só alumiada pela claridade das estrellas e por isso propria para fazer mais impressão o proximo gigantesco e terrivel vulto dos Pyreneos. Ouvia-se o estrepito do rio *Gave*, celebre na historia da appareição, e mesmo agora, fim do verão, abundante, caudaloso, sussurrante.

Chegámos á ponte, e de repente dêmos com os olhos na immensa procissão que, descendo do santuario, ia circundar o parque e dirigir-se para a famosa gruta. Esta procissão immensa era composta de mais de 7:000 pessoas, isto é,

dos romeiros entrados n'esse dia, e de todos os forasteiros e devotos que queriam tomar parte n'esta grande manifestação religiosa. E todos, em duas alas, cantavam e seguravam luzes! Que effeito o d'esse grande hymno, erguido por tantas vozes, expresso por tão ardente devoção, e d'essa enorme corrente de luz que descia, seguia, colleava, cercava todo o grande parque, chegando a abranger no seu vasto circulo luminoso os dois extremos, d'um lado a cruz gigantesca, brilhantemente illuminada, e do outro lado a grandiosa imagem da Virgem, cercada de duplo arco de luzes! Aqui paravam todos e ajoelhavam, renovando ainda com mais fervor seus hymnos e orações, e depois seguiam para a ditosa gruta, de que em vão muitas vezes nos quizemos approximar, tanta e tão compacta era a multidão que a cercava, atrahida e alli apegada pela devoção viva, pela prégão dos sacerdotes, pelo offerter dos hymnos e pelo deslumbramento que produzia a illuminação brilhantissima que alumiava aquelle recinto natural, que a fé affirmava, a Virgem santificara com a sua presença e agora favorecia com a sua protecção e milagres e com o aspecto suavissimo de uma sua formosissima imagem.

No dia seguinte, pela manhã, fomos para o santuario, que excede toda a expectativa. Está assente sobre a grande rocha de *Mazabieles*, cuja parte inferior fôrma a gruta maravilhosa.

É suave a subida que leva ao atrio, d'onde se descobre susprehendente panorama, e se pôde observar de frente e de perto o magestoso edificio, todo do mais puro estilo gótico. É magnifico o portico, assim como toda a fachada, sobre o centro da qual se eleva a grande altura a torre delicada.

Duas ordens de columnas dividem da parte central as duas partes lateraes. Por estas correm as capellas e o amplo corredor que circunda e communica todo o templo.

Uma grade dourada cerca o côro e altar-mór, levantada deante do sacratio e oratorio da Virgem, ante a qual ardem muitas lampadas e candelabros.

É o santuario decorado de boas esculpturas e de bandeiras de todas as romarias que alli tem ido e das quaes talvez a mais rica é a portugueza, collocada do lado do evangelho na primeira capella, vindo da capella-mór. As vidracas são colloridas e representam factos biblicos. Tem 15 altares na egreja superior e 7 na crypta. Em todos, desde a meia noite, estavam celebrando missa sacerdotes revestidos de ricos paramentos, que alli mesmo sobre o altar revestiam e desrevestiam. Tem magnifico orgão no grande côro, todo de carvalho do norte, mas mais communmente se servem do orgão mais pequeno, collocado atraz do altar-mór e é este que ouvimos tanger á missa, celebrada pelo presidente da peregrinação, sacerdote de aspecto venerando. A musica é que nos pareceu muito inferior ao que era de esperar. Muitas inscrições, incrustadas pelas paredes do templo, narram milagres e exprimem agradecimento.

As arcarias e columnas são de marmore branco e por isso facil de trabalhar, mas não são ornamentadas como, com genio o mais imaginoso, o são as arcarias e columnatas das igrejas de Belem e da Batalha. Não obstante é grandioso e altamente impressionador o aspecto de todo o templo, cujos dourados e colloridos o tornam alegre, o que é pouco commum em igrejas gothicas, com o seu aspecto sombrio e alteroso, proprias para despertar o recolhimento e pensamentos de doce melancholia.

A toda a hora é enorme a multidão de fieis a visitar o templo, a levar e a trazer enfermos, a beber e conduzir da agua santificada, que por largas bicas jorra de lugar mui proximo da gruta, cuja grade está cheia de muletas, deixadas pelos que voltaram curados.

Grande multidão enche as habitações e ruas da feliz povoação, dominada por um castello formoso e bem conservado, o que não diremos do parque, que, com muita admiração, nos pareceu descurado, o que não tem desculpa n'uma terra onde ha tanta abundancia d'agua.

São continuos os compradores de objectos de devoção e de recordação da piedosa romaria, não só na casa, pertencente ao santuario e proxima da fonte, mas nas muitas lojas da povoação, principalmente do arruamento brilhante, que vae dar ao santuario e todo exclusivamente composto de lojas de venda de objectos relativos ao santuario e á appareição da virgem á feliz Bernardette.

Percorrem as ruas muitissimos sacerdotes trajando habitos talarés e cercados de geral veneração.

Lourdes tambem possui outros grandiosos edificios religiosos, como são a igreja parochial, de antiga edificação, mas não destituída de belleza, os conventos das Carmelitas, das Benedictinas, das Beatas da Immaculada Conceição, a Casa dos peregrinos, e o ainda não concluido Hospital dos velhos.

Lourdes é capital de um cantão do departamento dos *Allos Pyreneos*. Já existia no tempo de Cesar, e foi, na idade media, capital do *Lavedan*, valle onde ainda hoje se observam numerosas ruinas.

Por todas estas partes dos Pyreneos se falla uma linguagem particular (patois), que tem muitas palavras da lingua portugueza, como são: tres, quatro, cavallo, burro, ganhar, etc.

Na tarde do segundo dia da nossa estada em Lourdes chegou outra romaria, ainda mais numerosa do que a do dia anterior e acompanhada de muitos sacerdotes e presidida por um cardeal. O entusiasmo não diminuía.

Ao terceiro dia a agglomeração de gente na pequena cidade tornou-se excessiva, porque tam-

bem era dia de feira, feita no *Champ-commun*, em frente do qual ficava o nosso hotel e para onde desde manhã cedo os compezones trouxeram seus carros e rebanhos de carneiros de excellente raça.

A vozeria, a poeira e a calma a mais intensa tornavam insupportavel a nossa demora em Lourdes, embora ainda não estivesse de todo satisfeita a nossa devoção.

Eis-nos de novo a caminho, deliciando-nos com o aspecto da paisagem sempre bella.

Passámos por *Tarbes*, cidade já florescente no tempo dos romanos e agora cidade episcopal, capital de Prefeitura (*Allos Pyreneos*), e quartel de uma brigada de artilheria, que alli tem vastas cazernas, escola, observatorio e campo de tiro.

Na primeira estação depois de Tarbes, um reverendo Bispo, acompanhado de outro sacerdote, entrou na nossa carruagem.

Era o prelado d'esta antiga ainda que pequena diocese, ancião de aspecto alegre e bondoso.

Facilmente nos attrahiu com a sua conversação amena, em que revelou conhecer a historia de Portugal, que exaltou com phrases de muito louvor. Sahi n'uma das estações seguintes, dando-nos sua benção episcopal.

Eis-nos subindo os Pyreneos. Veiu a noite e ás 9 horas e meia chegamos a *Luchon*, onde nos alojamos na excellente casa *Tapie*, na *Allée d'Etigny*, 55, casa que recommendamos aos que desejem encontrar a par de bom tratamento o socego do viver entre uma familia de qualidades muito apreciaveis.



NOSSA SENHORA DE LOURDES

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

O LINHO E O CANHAMO

(Conclusão)

— Queria agora que me fizesse o favor de explicar-me como se extrahê o oleo das sementes do linho e do cânhamo.



...e os saquinhos submettem-se depois ao aperto d'uma prensa.

— É uma operação muito simples. As sementes são mettidas n'uns saquinhos de crina, e os saquinhos submettem-se depois ao aperto d'uma prensa. O oleo sahe das sementes tal e qual como o vinho sahe das uvas, e vae juntar-se n'um reservatorio. Depois de espremida a semente do cânhamo, fica uma massa, que é não só um excellentê alimento para os gados, como também um adubo magnifico para as terras.

O bagaço do linho é utilisado d'outro modo: serve para fazer cataplasmas; é ao que nas boticas se chama farinha de linhaça.

O oleo extrahido das sementes do cânhamo é quasi exclusivamente aproveitado nos usos domesticos, como por exemplo, na lavagem de moveis; o oleo do linho é empregado na industria, sendo até um importante artigo de commercio. Este oleo é muito secante, isto é, tem a propriedade de seccar facilmente, e serve por isso para preparar as tintas de que usam os pintores, e também os estampadores de fazendas. Este precioso oleo entra igualmente na composição dos vernizes gordos, tintas de imprensa, coiro e cartões envernizados, tafetá gommado, telas de pintores, etc., etc. Os tecidos impermeaveis fazem-se com a filação do cânhamo e cobrem-se com o oleo de linho.

— Que quer dizer impermeavel? — perguntou a Therezinha.

— Designam-se com este nome as materias que preservam da humidade — respondeu o tecelão. — Já me esquecia dizer que o oleo de linho, depois de purificado, serve também para a illuminação.

Como vêem, meus queridos meninos, o cânhamo e o linho são duas plantas preciosas; depois do trigo, de certo não ha nenhuma mais util. Ignoramos ainda, sem duvida, muitos segredos da natureza; entretanto, Deus, na sua alta bondade e providencia, desde muito que deu a conhecer aos homens as coisas indispensaveis á vida.

Quando as duas creanças se despediram do tecelão, a Therezinha disse ao seu companheiro:

— O sr. Jacques ainda se esqueceu d'uma coisa: é que do panno de linho usado também se tiram fios e se fazem ligaduras para curar as feridas.

— É verdade, e que também se faz papel de linho — redarguiu Octavio. — O certo é que fiquei sabendo muitas coisas que não sabia. Agora já sei que o cânhamo e o linho são plantas annuaes, cuja casca se fia e se tece; que a filação do cânhamo serve para fazer pannos muito grossos e cabos para os navios, ao passo que a do linho se applica aos tecidos finos e ás rendas; sei também que as sementes d'essas duas



...e se fazem ligaduras para curar as feridas.

plantas, principalmente as do linho, fornecem um oleo muito util á industria.

— Confessas então que nós os camponeses, apesar da nossa ignorancia, sabemos coisas que muitas vezes ignoram os senhores estudantes da cidade? — disse Thereza com encantadora ironia.

— Tens razão para caçoares commigo, priminha; devia ter-me lembrado que ha pessoas

de merecimento em todas as classes da sociedade. Muitas vezes o papá me tem dito isto.

— Bom, agora que já estamos d'accordo, vamos para casa. Quero dar-te sementes do canhamo para os teus passarinhos.

FIM



VERSOS AO JULIO

O MAL E A CARAMUNHA

Não dia em que fez seis annos
Recebeu Laura, contente,
Um bello e caro presente,
Lembrança do tio Isidro :
Era uma linda boneca
Que a Laurinha appetecera,
Co'um meigo rosto de cera
E uns grandes olhos de vidro.

Nas primeiras tres semanas
Não lhe faltaram carinhos ;
Dormia em cama de arminhos
As longas horas da sesta.
E a Laurinha enthusiasmada
Nunca passava um minuto
Sem lhe pagar o tributo
D'um beijinho ou d'uma festa.

Mas passados alguns tempos
De affeição continua e doce,
A Laurinha enfastiou-se
D'esse amor sempre lamechas,
E dizia da boneca,
Sem lhe achar já graça alguma,
Que era velha e feia, em summa,
Começou a achar-lhe pechas...

Ao cabo, enfim, de dois mezes,
Da boneca farta já,
A Laura travessa e má
Como um vivo demonico,
Vae sem dó nem consciencia
Offer'cel-a á catatúa,
Que ora avança, ora recua,
P'ra poder deitar-lhe o bico.

Debalde tremendo em susto
Elisa, a mana mais velha,
Com prudencia lhe aconselha
Que não faça tal loucura...
A catatúa, á boneca
Lançando o bico de anzol,
N'um momento põe-lhe ao sol
As tripas de serradura !

Então Laura, horrorisada
Vendo essa tragica scena,
Da boneca sente pena
E a choral-a se desunha ;
— Chora, chora (diz-lhe a mana)
P'ra ser completo o descôco...
Fizeste o mal inda ha pouco,
Faze agora a caramunha...

D. MARIA DO Ó.



A GULOSA

Havia hospedes em casa. A mamã de Judith fez grande porção de doce; mas, sabendo o costume da sua encantadora filha, de 5 annos apenas, tinha-o fechado no aparador. Judith não tinha visto isso e andava por toda a casa, disfarçadamente, a ver se descobria o paradeiro da sua tentação! Passou e tornou a passar pelo sitio onde elle estava, mas sem fazer a appetida descoberta.

Parecia impossivel a quem visse aquelle lindo rosto bochechudo e rosado, como o d'uma fina boneca de porcelana bem colorida, aquelles olhos meigos, aquella physionomia tão agradável, parecendo só haver n'ella bondade e carinho, que occultasse aquelle feio costume! Já por varias vezes a mamã lhe tinha ralhado e até batido, o que lhe custava deveras, sem que a nossa Judith se corrigisse. Pratos de doce que ficassem sobre o aparador, appareciam na meza sempre bulidos; se fosse creme, fios de ovos, ou qualquer outro doce de travessa, mostravam sempre um audaz buraco, feito pelo roseo dedo de Judith; se fosse abobora, marmello, cidrão ou outro qualquer doce secco, collocado com toda a symetria, no prato, ella destrua-lha completamente, comendo algum pedaço. Era uma verdadeira desgraça e um desgosto immenso para a mamã, que se via obrigada a castigal-a!

A gulodice da pequena Judith chegou a ponto, uma vez, de ir beber o leite que tinham dado ao gato!

Hoje, porém, o doce desapareceu do alcance da nossa menina! Ella não se conformava com isso! A mamã, de castigo, nem lhe tinha deixado rapar o tacho, operação que ella fazia com grande enthusiasmo.

De subito larga a correr, alegre com o seu pensamento, direita á despena.

— Alli é que elle está! — pensou a gulosa.

Sem que ninguém a visse, abriu com precaução a porta e entrou. Examinou a primeira prateleira... nada! A segunda não chegava, por isso veio cá fóra buscar uma cadeira. Um raio d'alegria lhe passou pelo rosto!

A mamã tinha feito manjar branco e ella sabia-o; logo que chegou ao alcance da segunda prateleira, viu n'um pires uma cousa branca,

semelhante, muito semelhante até, a manjar branco.

— Eu logo vi! — exclamou ella. — A mamã não me deixou rapar o tacho, mas guardou-m'o aqui!

E puchou para fóra o pires.

Desceu da cadeira e, sem reparar e mesmo com a mão levou á bocca uma porção do conteúdo do pires. Estava saboreando, quando abriu a porta uma criada que, ao ver a amasinha, largou ás gargalhadas!...

Judith, atrapalhada, largou o pires e deitou a fugir para a sala!

Uma risada geral saudou a sua entrada! Judith vinha toda lambuzada; os labios e as faces bezuntadas e a mão com que pegara no doce deixava cahir uns fios brancos.

A mamã, vendo a filha em semelhante estado, disse-lhe, sem poder suster o riso:

— Que fizeste?!... Estás arranjada! Moires com certeza!...

— O minha rica mamã! eu não torno a fazer outra!... — exclamou a gulosa já a chorar.

A mamã não pôde responder; estava perdida com riso e em torno só se ouviavam prolongadas risadas; foi limpá-la convenientemente, enquanto a nossa feia pedia a todos os anjinhos para que lhe poupassem a vida!

A gulosa, que julgavamos não ser possivel emendar, tomou com o susto uma tal lição, que se emendou! Podiam, depois, deixar todo o doce que fizessem desacauteelado, que ella não lhe bulia, lembrando-se d'aquella vez em que, pensando comer manjar branco, comera só... gomma!

Eis o que espera a todos os gulosos!...

Lisboa.

A. MEIRELLES DE LEMOS.

O TIGRE

(Continuação)

«Mas com toda a certeza assistiu a alguma caçada, disse Perdriel.

«A muitas, meu amigo, respondeu Wilson. Na vida dos senhores asiaticos, a caça do tigre occupa exactamente o mesmo logar que na vida dos senhores africanos occupa a caça do leão.

«Deve de ser um espectáculo soberbo, observei eu.

«Estupendo! acudiu o inglez. Em luxo e magnificencia não conheço nada que se possa comparar com uma cavalgada oriental. A primeira caçada a que eu assisti, foi por convite do celebre Boulderson, de quem já lhes falei, que a seu turno fóra convidado por um rajah muito amigo d'elle, e que era o mais perfeito gentleman que tenho encontrado. No dia da batalha, quando Boulderson me disse: «Vamos ao tigre», os olhos faiscavam lhe de um modo singularissimo. Acompanhei-o sem mais intenção do que a de ser mero espectador. Aconselhou-me a que carregasse as minhas pistolas, e emprestou-me

uma bella espingarda de dois canos. Montámos nos elephantes e partimos. O príncipe índio, apesar de uma febre violenta que o atacara repentinamente, não tardou em apparecer, declarando que não queria ficar para traz. Das povoações vizinhas acudiu immenso gentio, uns a pé e outros a cavallo, e todos mostrando tanto interesse e gosto por aquella caçada, como em Inglaterra succede quando se trata de uma corrida de cavallos. O rajah ia montado n'uma elephante, do tamanho de um touro de Durham, e quasi tão peluda como um cão de agua.

«Boulderson levava comsigo um arsenal.

«Andámos cerca de duas milhas por uma planície coberta de grandes hervas. A cada passo viamos levantarem-se bandos de codornizes e de outras aves bravas, e saltarem lindos antilopes fugindo em todas as direcções. Chegámos emfim a um terreno mais profundo e pantanoso, que nos devia conduzir ao sitio designado.

«Em quanto Boulderson deliberava se devia atravessar aquella especie de paúl ou se andaria melhor em torneal-o, chegaram uns indigenas, dizendo que o tigre tinha sido cercado alli de manhã. Isto bastou para entrarmos immediatamente no paúl, formando já se vê uma linha, como se se tratasse de bater terreno para a caça da lebre. Mas a herva era tão alta que subia até á sella do meu elephante — que era um monstruoso animal — e occultava completamente o rajah. Caminhámos, caminhámos, até que se me depara na frente um animal, maior que um veado, pardo, com chavelhos; era uma especie de alce. Um pouco mais adiante, levantou-se outro bicho semelhante: era a femêa. A presença d'estes curiosissimos animaes já bem me recompensava do sacrificio que fizera em ir á caça do tigre; mas a animação de tudo que me rodeava, a anciedade com que os meus companheiros examinavam o mais leve movimento da herva, os gritos dos homens, o barulho dos cavallos que nos seguiam, tudo isto enchia o ar de um tal interesse, que era impossivel fugir-lhe ao contagio.

(Continúa)

FRANCISCO DE ALMEIDA.

ALEGRIAS

— Ó tio João, manda dizer a minha mãe se faz favor de lhe emprestar um alqueire de farinha — dizia um rapazote a um lavrador, um tanto surdo, mas ainda mais sovina.

— Que dizes tu, rapaz? Não te percebo.

— Digo que minha mãe lhe pede emprestados dois alqueires de farinha.

— Dois?! pois não tinhas dito um, maroto?... — O tio João está muito melhor da surdez!

Ainda bem!

Depois de uma questão muito acalorada entre dois homens, um d'elles foi escrever na porta do outro, em grandes letras, a palavra *Bruto*.

Ao recolher para casa, o offendido viu o lebreiro, e, desesperado, foi logo procurar o insul-

tador; mas o criado que veio abrir a porta disse-lhe que o amo não estava em casa.

— Pois diga-lhe que vinha aqui para lhe pagar a sua visita, e que, para a outra vez, quando fôr visitar-me, não precisa escrever o seu nome na minha porta.

HORAS ENTRETIDAS

149 — CHARADA

Sou parte de Portugal — 1
De Loanda o sou tambem: — 1
Vivo em climas quentes, frios,
E com todos me dou bem;

Vigilante, guardo sempre
Minhas damas com cuidado;
Minha historia das mais bellas,
Fez meu nome respeitado.

Lisboa

HERMÍNIA.

150 — CHARADA NOVISSIMA

Na eira soccorro este peixe — 2 — 2

Monchique

CUNHA & C.^a

151 — PALAVRAS QUADRADAS

(OFFERECIDO, COMO PROVA D'AMIZADE, AO MEU AMIGO LUIZ A. D.)

— Já vem ao longe na amplidão celeste,
Com vento agreste, que jámais verei,
— Nvolve um rio com seu negro manto,
Nomba do canto, que só eu cantei.

Vizeu

Bêné.

152 — CHARADA NOVISSIMA

Como está alegre, na bocca lhe vejo um sorriso — 1 — 2

Lisboa

HERMÍNIA.

153 — METAGRAMMA

(RETRIBUIÇÃO AO PEQUENO ANTONINHO)

Oh! meu pequeno Antoninho
P'ra não viver solitario
Será bom tomar p'ra casa
Um escrevente, um *secretario*.

P'ra que vendo o metagramma
Que aqui vou a apresentar,
O vá logo, não com setta
Mas com a penna matar.

Pela primeira já digo
Que a sua carta *adorada*
Tem singeleza na forma,
É coisa muito sagrada.

Chegou n'um tempo feliz
Para a segunda formar
A 25 d'outubro
Mez de constante lidar.

A terceira, foge d'ella,
Para teres quietação.
A quarta, fica sabendo,
É adverbio e conjunção.

Não terminou, não senhor
Ainda a quinta não vejo,
Sou crustaceo do Brazil,
Sou igual ao caranguejo.

Vizeu

Bêné.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

141, Bulebule — 142, Homem pobre caldeira de cobre — 143, Sino — 144, Escuro — 145, Camão — 146, Polycarpo

147,

L
CEA
LEITE
ATA
E

148, Secretario.